

Notas sobre Gaza: o relato jornalístico em quadrinhos de Joe Sacco¹

Nélio da Silva BARBOSA²

Sandra GARCIA³

Ana Cristina Menegotto SPANNENBERG⁴

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

Resumo

Este trabalho discute o uso do suporte dos quadrinhos para fins jornalísticos. Nesse sentido, a proposta é investigar de que forma isso ocorre e quais métodos foram utilizados para que de fato possa ser considerada uma obra jornalística. A mudança de meio influi diretamente na forma de mensagem que chegará ao leitor. Joe Sacco propõe uma nova maneira de contar um fato ao narrar os acontecimentos de guerra em um meio associado ao lazer. O trabalho analisado foi realizado a partir de pesquisas de documentos históricos e depoimentos orais nas cidades palestinas de Khan Younis e Rafah, em que uma operação militar israelense vitimou dezenas de civis desarmados. O resgate histórico de um conflito milenar é retrato nas vias da arte sequencial. *Notas sobre Gaza*, obra analisada no trabalho, configura-se, pois, como uma obra referencial para apuração, investigação na prática do jornalismo.

Palavras-chave: histórias em quadrinhos; Joe Sacco; leitura; jornalismo.

O jornalismo nas páginas dos quadrinhos

Trazer o jornalismo para o nicho dos quadrinhos foi uma alternativa ousada, inovadora, mas, que se propõe a preservar algumas características já consagradas da profissão. A busca incessante pela notícia em muitos casos faz com o jornalista confunda ou ignore alguns passos fundamentais na produção da matéria, da reportagem, da construção social do seu papel.

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e-mail: nelio.barbosa@globomail.com.

³ Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Professora no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e-mail: sandragarc@gmail.com.

⁴ Orientadora da pesquisa, jornalista, professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA/2004) e doutora em Ciências Sociais (UFBA/2009), e-mail: anaspann@gmail.com

O jornalista Joe Sacco, maltês radicado nos Estados Unidos, é o pioneiro no novo formato. A proposta é uma forma de democratização da notícia, pois, o jornalismo agora alcança um novo público outrora esquecido: os quadrinhos. Sempre trabalhando sobre os efeitos da guerra, a narrativa humaniza os relatos e tenta apresentar um contraponto com o que é produzido pela chamada mídia planetária.

O material produzido por Sacco rompeu com os conceitos formulados sobre a prática do jornalismo. Nos quadrinhos, o autor procurou abusar das imagens desenhadas para que o horror de uma guerra ficasse ainda mais evidenciado. Ele apontou um caminho para a forma de cobertura diferenciada sobre os conflitos do entre israelenses e palestinos no Oriente Médio. Aqui ele dá voz às vítimas dos conflitos.

Nesse sentido, propor uma nova abordagem de temas complexos em um ambiente específico, o nicho de leitores das histórias em quadrinhos, configura uma tentativa de renovação da ótica de cobertura midiática sobre um determinado assunto. Nessa perspectiva, Edward Said (2005), destaca qual a importância da obra de Sacco:

Vivemos num mundo saturado pela mídia, no qual a preponderância enorme das imagens e notícias globais é controlada e difundida por uma meia dúzia de homens, em lugares como Londres e Nova York. Nesse contexto, uma sequência de quadrinhos com imagens e palavras agressivamente gravadas – por vezes, grotescamente, enfáticas e exageradas para acompanhar as situações extremas que descrevem – é um antídoto notável (SAID, 2005, p. 09).

A ideia torna-se, portanto, um contraponto em relação aos demais tratamentos dados pela mídia convencional. Esse é um argumento que é defendido por Umberto Eco (1998), quando aponta os novos caminhos que os chamados *mass media* estão tomando:

Os *mass media* oferecem um acervo de informações e dados acerca do universo sem sugerir critérios de discriminação; mas, indiscutivelmente, sensibilizam o homem contemporâneo face ao mundo; e na realidade, as massas submetidas a esse tipo de informação parecem-nos bem mais sensíveis e participantes, no bem e no mal, da vida associada, do que as massas da antiguidade, propensas a reverências tradicionais face a sistemas de valores estáveis e indiscutíveis (ECO, 1998, p. 48).

O que faz de Joe Sacco ainda mais inovador é no desfecho de seus relatos. Diferente do modo como as histórias em quadrinhos tradicionais terminam, quando há uma vitória ou momento de felicidade para os personagens principais, as narrativas gráficas de Sacco apontam para a realidade, em que poucas perspectivas são vislumbradas. As crianças, idosos, homens e mulheres são os perdedores. Eles continuam em suas rotinas de

reconstrução, “banidos às margens ou vagando em desalento, sem muita organização – a não ser por pura rebeldia, pela força quase sempre ignorada de seguir em frente” (SAID, 2005, p. 9).

Dentro do que é feito por Sacco, o intuito desse trabalho é analisar algumas das técnicas jornalísticas de abordagem, coleta de informações e desenrolar dos fatos que o jornalista trouxe para o universo dos quadrinhos. Para tanto, será utilizada a obra *Notas sobre Gaza (2010)* para identificar os itens. Nesta obra, ele mergulha nos escombros de um massacre ocorrido em 1956, que foi decisivo para explicar muito dos conflitos ainda existentes na Faixa de Gaza.

Os trabalhos de Joe Sacco

No início dos anos 90, a região da Palestina vivia sob intensos conflitos, como até os dias de hoje permanece. Em meados de 1994, após trabalhos no local, o quadrinista/jornalista Joe Sacco inicia a publicação de quadrinhos jornalísticos. O primeiro é *Palestina: uma nação ocupada (2004)*. A obra recebeu o prêmio *American Book Awards* em 1996 e foi considerada a melhor série pelos *Harvey Awards* (Oscar da comunidade dos *comics*). No Brasil, recebeu o HQ MIX de melhor *Grafic Novel* estrangeira em 2000.

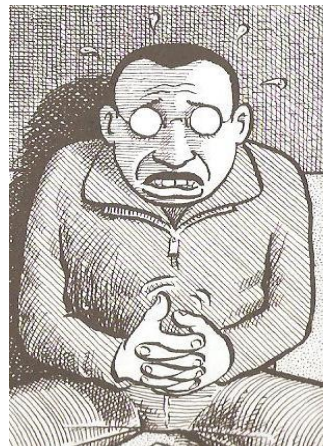


Figura 1 - Autocaricatura de Joe Sacco

Ele não parou. No fim de 1995, desembarcou em Sarajevo, na Bósnia, onde a guerra civil de desintegração da Iugoslávia atingia o país. Sobre o tema, Sacco publicou quatro obras. Em 1998, lançou a história *Natal com Karadzic* (lançado no Brasil na coletânea *Comic Book: o novo quadrinho norte-americano*, Conrad, 2005), em que relata o breve

encontro com o líder sérvio-bósnio Radovan Karadzic. No mesmo ano, lançou a *Soba* (inédito no Brasil) que conta a história de um artista que nas horas vagas era soldado do exército de Sarajevo.

Dois anos depois, em 2000, publicou outra obra-prima *Área de Segurança Gorazde: a guerra na Bósnia oriental 1992-1995(2005)* (publicado no Brasil em 2001), vencedor do prêmio Eisner Awards – relato minucioso dos conflitos que encontrou no país durante a guerra. E, em 2003, relatou como o país se organizou após os conflitos. O resultado é o quadrinho *Uma História de Sarajevo* (2003).

Dez anos após o início do sucesso no Brasil, Sacco publicou uma de suas obras mais ousadas: *Notas Sobre Gaza (2010)*, o objeto de análise desse trabalho. Aqui ele retorna à Palestina e conta os detalhes de um conflito que ocorreu na região em novembro de 1956. Muito antes de um relato jornalístico, é uma obra histórica. Nas cidades de Khan Younis e Rafah, era para ser apenas mais uma incursão militar israelense em solo palestino em busca de supostos guerrilheiros. No entanto, centenas de civis foram brutalmente assassinados. A justificativa apresentada, em um dos poucos relatórios da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o assunto, é de que uma grande multidão teria avançado sobre os soldados que, em pânico, resolveram atirar. A versão israelense diz que as mortes ocorreram após um confronto com rebeldes, entretanto, não houve nenhuma baixa nas fileiras oficiais.

Nos dois ataques, foram contabilizados, aproximadamente, 275 mortos. A grande maioria homens adolescentes ou adultos com idade militar. Em Khan Younis, a invasão ocorreu no meio da noite. As vítimas foram levadas para uma praça e lá executadas. Em Rafah, o exército israelense convocou as vítimas para uma espécie de recenseamento masculino, típico na época. No entanto, ao chegarem ao local agendado as vítimas se deparam com uma emboscada. Fuzileiros de elite os aguardavam para as execuções.

O jornalismo na obra de Joe Sacco

Levar o jornalismo para os quadrinhos foi uma tática utilizada para sair das saturadas formas de comunicação convencionais. Assim, no suporte do código verbal escrito, o jornalismo além de informar, opera uma mudança radical nas formas de ler. Chartier (2003) sublinha o processo de revolução da prática de leitura quando a forma intensiva da mesma é substituída pela extensiva. A primeira refere-se àquele leitor confrontado com um *corpus* limitado e fechado de textos. A segunda, na qual a sociedade

contemporânea se encontra, corresponde à proliferação das publicações, como as que eram disponíveis no Brasil em meados do século XIX (HALLEWELL, 2005). A leitura extensiva refere-se ao leitor “que consome com rapidez e avidez” diversos tipos de impressos (CHARTIER, 2003, p. 36). Nesse sentido, os escritores devem buscar estratégias para garantirem seu espaço de disputa dos leitores. A essa disputa, que o filólogo italiano Petrucci (1986 e 2003) denominou de “cultura gráfica”, devemos um conjunto de objetos escritos para as práticas sociais de decodificação de um determinado contexto histórico-espacial. Nesse sentido, Petrucci (1986) orienta uma perspectiva analítica engendrada pela construção de uma semântica do sinal gráfico. Dessa forma, as histórias em quadrinhos funcionam como estratégias de comunicação, historicamente eficientíssimas, das mais variadas necessidades de expressão.

Numa perspectiva mais ampla, a escolha do suporte de histórias em quadrinhos configura uma estratégia do autor para impor seu discurso numa sociedade de abundâncias de signos. A recepção da mensagem num contexto com essa característica identifica-se com aquilo que Durão (2011, p. 48) propôs como negatividade de leitura num contexto de “superprodução irrefreada de semioses”. Essa negatividade consistiria numa recusa do receptor em decodificar a mensagem, anulando, assim, a possibilidade comunicativa do processo.

Além disso, essa quantidade se torna ainda mais excessiva, porque hoje estamos diante de uma sociedade cuja base eletrônica é predominante na comunicação (SANTAELLA, 2005, 1996). O modo como o receptor entra em contato com a mensagem interfere no entendimento da mensagem. Um receptor condicionado aos meios eletrônicos, portanto, apresenta “atenção leviana”, ou seja, é incapaz de focar-se numa informação, num contexto de superabundância semiótica. (BOURDIEU, 2001).

Em outros termos, a proposta de Sacco é de uma intervenção prática num ambiente específico, para a construção de uma sociedade melhor. Seguindo os passos de Eco (1996, p. 52), existe uma “necessidade de intervenção ativa das comunidades culturais no campo das comunicações de massa. O silêncio não é protesto, é cumplicidade; o mesmo ocorrendo com a recusa ao compromisso”. Ora, se a identidade simbólica de uma sociedade depende em grande parte dos estímulos a que está submetida (QUEIROZ, GONZALES, 2006), é dever dos profissionais de comunicação ter uma postura crítica em relação a esses estímulos.

Contudo, o que mais deve ser levado em conta, inclusive acima da mudança de meio, deve ser com relação ao uso das técnicas jornalísticas básicas. Em tempos de crise do fazer jornalístico na era das mídias digitais, Sacco aponta os caminhos esquecidos da profissão, que mesmo em constante transformação deve manter para permanecer como um dos pilares do Estado Democrático de Direito.

No trabalho de Sacco, fica evidente seu posicionamento ideológico. Sempre em busca de contrapor informações, dados, de ouvir as variadas versões dos fatos, mas, em primeiro lugar estão às vítimas diretamente dos morteiros. Os preceitos de objetividade e imparcialidade são considerados ideais utópicos. O que torna o trabalho jornalístico é o testemunho, a apuração e a documentação.

Dentre as características marcantes da obra *Notas sobre Gaza*, foram escolhidas algumas que permeiam todo o trabalho, a saber: a formulação da pauta, a apuração e a entrevista.

Formulação da pauta

Diferentemente da maioria de seus colegas jornalistas, Joe Sacco teve a total liberdade de escolher a temática que iria abordar e o encaminhamento que teria para construir seu relato. Foi o próprio que escolheu as fontes e a forma como iria coletar informações e, ao mesmo tempo, como apurar a veracidade do que era apontado.

A busca pelo roteiro a ser seguido na matéria partiu de investigações sobre a os embates históricos entre israelenses e palestinos. A partir de então, foi feito um recorte dos relatos que tinham importância para compreender as raízes das divergências histórias entre os povos. Nesse recorte, o conflito de 1956, retrato em *Notas sobre Gaza*, figurava entre os mais importantes.

Dessa forma, a busca pelos registros oficiais aconteceu em documentos oficiais e em relatórios militares da época. Mas, sobretudo a pesquisa foi alicerçada no depoimentos orais dos que testemunharam boa parte dos acontecimentos.

As provas documentais costumam ser consideradas mais confiáveis pelos historiadores do que o testemunho oral, mas neste caso os registros são escassos, e certas ordens e certos relatórios pouco dignos de elogios são mantidos “fora dos autos”, ou então armazenados longe do alcance até mesmo do pesquisador mais dedicado. Os arquivos egípcios são fechados para quase todo tipo de pesquisa. Alguns relatórios da ONU que poderiam ser úteis, armazenados na Jordânia e em outras partes, são quase inacessíveis. Ainda assim, era importante explorar todos os caminhos disponíveis. (SACCO, 2010, p. 8)

Tudo isso sem a pressão da “*deadline*”. Sacco não possui o compromisso de fechamento de uma edição e o envio de texto, áudios, vídeos para algum veículo de imprensa pelo mundo. “A minha sorte é que não preciso enviar matérias e ter um horário de fechamento todos os dias. Não tenho aquela urgência de ter de voltar para casa após três horas, antes que meu jornal tenha de começar a rodar”. (SACCO, 2001, p.7).

A apuração

Não basta apurar informações, verificá-las, entrevistar envolvidos se não forem apresentadas todas as versões possíveis de um fato. Em uma guerra isso é potencializado, pois o número de envolvidos em conflitos, negociações e campos de batalha é ainda maior. De um lado, o país atacado com suas versões políticas, militares e das vítimas que sofrem as consequências das ofensivas. Do outro lado, está o país que ataca com as justificativas da invasão, seus motivos políticos.

A um jornalista convencional caberia apenas fazer um recorte da realidade ali existente em uma rápida matéria jornalística com o lead, a pirâmide invertida e algumas entrevistas. Mas, Joe Sacco vai além. É ele o repórter a entrar em residências destruídas, a ouvir os relatos de vítimas, falar com soldados nas áreas ocupadas e seus crimes cometidos e inserir os diversos discursos políticos naquilo que está apresentando.

Quando cada uma dessas fontes vai ter “voz” na narrativa, Sacco procura retratar cada uma ao seu modo. Para aqueles que estão diretamente sendo atacados e sofrendo com os bombardeios, ocorre a exploração dos detalhes das expressões faciais como os olhos transmitindo sentimentos ou descrença na situação, além de rugas pelo rosto com a boca entreaberta como se pedissem ajuda.

No processo de apuração dos fatos de narrados em *Notas sobre Gaza*, Sacco busca investigar em primeiro lugar os documentos oficiais que relatam sobre os ocorridos em *Rafah* e *Khan Younis*. Quando vai a campo, ele entrevista oficiais e civis de ambos os lados, sejam palestinos ou israelenses. Paralelamente, a exposição desses detalhes ele une as duas versões descreve esses relatos. Ele apresenta assim a miséria e os contrastes do conflito bélico.

No entanto, ele não se limita a apresentar tais versões. Ele não argumenta com um discurso cínico em que dialoga apenas com fontes oficiais. Muito ao contrário, ele discute o binômio interesse econômico/poderio bélico. Isso ocorre, quando Sacco propõe um debate

sobre os embates cruéis e sangrentos que por anos passou despercebido pelas nações hegemônicas, exceto por um lado da história: aqueles que perderam parentes, amigos e sofreram impiedosamente todas as consequências de uma operação militar desastrosa.

Entrevista

A entrevista é uma das principais ferramentas para a coleta de informações para um jornalista. Nessa característica, Sacco a explorou das mais variadas formas e estilos. Ele entrevistou vítimas, soldados e inseriu na contextualização dos fatos alguns depoimentos de políticos influentes da época.

Na perspectiva de um trabalho histórico, a preocupação do jornalista girou em torno do desgaste do tempo e das memórias de seus entrevistados. Para evitar contar uma história de um fato anterior ou posterior a 1956, Sacco buscou verificar a semelhança entre cada uma das declarações. Além disso, ele confrontou cada uma das declarações com os poucos documentos oficiais que existem sobre o assunto abordado.

Quando vai inserir um posicionamento oficial na narrativa Sacco insere os personagens em primeiro ou primeiríssimo plano, denotando ordem e posturas dos que apenas discutem os rumos do conflito, mas, que não enfrentam as consequências. De forma, semelhante, ele insere as vítimas, os sobreviventes. No entanto, ele emprega uma arte expressionista, com os detalhes de ambientes precários e com as expressões também notáveis.

Elemento dos quadrinhos como expressão do argumento jornalístico

Sacco não é um jornalista neutro diante dos acontecimentos. Ele exprime opinião e sentimentos na forma como registra os horrores de uma guerra. Ele se opõe às formas cruéis de ataque e revide dos dois lados envolvidos. Em *Notas sobre gaza*, ele humanizou o relato histórico das vítimas e sobreviventes, apesar de apresentar as várias versões sobre o conflito. Por outro lado, ele conta sobre os guerrilheiros e soldados que lutavam nos embates, mas o teor pacifista de Sacco é mais forte e seu modo de retratar cada um desses líderes fica claro no desprezo pela guerra. Nesses momentos, ele utiliza o recurso da sátira nos desenhos.

Em termos retóricos, como afirma Hansen (2009) a função da sátira é a de criar uma desqualificação violentíssima do objeto retratado. Essa desqualificação deve ter a medida justa do dano causado pelo objeto para a ética social. Se os romanos usavam o humor para os desvios tênues de caráter, pelo princípio do “*ridendo castigat mores*” (por meio do riso castigam-se os costumes), a sátira devia ser uma punição violenta a desvios morais também violentos. Neste sentido se observa a deformação quase expressionista dos personagens e a gestualidade libidinosa dos soldados.

Com um humor ácido, Sacco desnuda o ridículo de algumas atitudes adotadas pelos comandantes paramilitares em caricaturas. As formas retratadas desfiguram os rostos e desajustam as proporções do corpo.



Figura 2 - A sátira na obra de Joe Sacco

CONCLUSÃO

A narrativa em quadrinhos de Sacco é uma alternativa tanto aos meios tradicionais de comunicação quanto às formas consagradas de produzir uma reportagem jornalística. A prática do jornalismo em um meio até então pouco explorado, faz com que o formato híbrido transite por diversos gêneros do jornalismo. Aqui, o artista/jornalista traduz em uma linguagem próxima ao leitor os complexos interesses envolvidos nas causas da guerra. Dessa forma, ele cumpre a função social do jornalista ao reportar, informar, noticiar fatos, ao mesmo tempo em que promove uma arte engajada.

Por outro lado, Sacco não é objetivo e não é neutro ao contar a história. Ele interage com vítimas, soldados e dialoga com discursos oficiais de ambos os lados do conflito.

Viveiros (2009) acredita que isso caracteriza a superação dos conceitos de imparcialidade e objetividade do jornalismo:

Sacco vai se contrapor a essa noção de jornalismo distanciado: pelo contrário, ele se coloca intimamente em contato com as pessoas sobre as quais retrata – vive, anda, come com elas, sente a sua dor. Ao contrário dos modelos praticados na imprensa – o do jornalista distanciado e emocionalmente ausente – Sacco revela-se como ator político, com posicionamentos firmes sobre os fatos que retrata, mas sem radicalismo, dando oportunidade ao leitor de ver o “outro” lado, como pensam e agem os possíveis algozes e suas vítimas (VIVEIROS, 2009, p. 09).

A vertente trabalhada por Sacco é de trazer para o debate público os horrores da guerra e os crimes cometidos de ambos os lados. Nesse sentido, ele utiliza a arte dos quadrinhos como uma forma de humanização do relato, pois, ele aborda aqui não os dados oficiais ou apenas um relato impessoal sobre o que está ocorrendo. Ao contrário, ele aponta para aqueles que estão sendo diretamente atingidos e prejudicados por bombardeios sérvios enquanto interesses políticos e financeiros estão em pauta. Dessa forma, Arbex (2000) destaca que é próprio da linguagem dos quadrinhos não buscar a objetividade a todo custo.

A linguagem do quadrinho, tradicionalmente, não tem essa motivação. Ela é, muito mais, uma forma de manifestação estética. Como arte, ela certamente permite a livre expressão de um sentimento, de um desejo, de uma determinada percepção do mundo, da pulsão erótica que move o seu autor. Não tem, nesse sentido, compromisso com o objeto, a menos que se entenda como “objeto” o próprio “mundo interior” do artista, o seu imaginário (ARBEX, 2000, p. 07).

A presença do jornalista e a participação dele em cada minucioso fato que aconteça pode ser interpretado como o chamado Jornalismo Gonzo. De acordo com Pena (2006), esse estilo de reportagem pode ser identificado quando no exercício do jornalismo, para obter determinada informação, há “envolvimento pessoal com a ação que estava descrevendo, sem medir as consequências, por mais perigosas que fossem”. (PENA, 2006, p. 56).

De outro, na análise das obras de Sacco feitas por Oliveira (2006), a autora descarta a prática do Jornalismo Gonzo, mas, aponta que a vertente do Jornalismo Literário sobrepõe:

Embora a obra de Sacco possua algumas características em comum com o jornalismo gonzo (por exemplo, observação e captação participativas), não apresenta traços marcantes do gênero como sarcasmo e vulgaridade, alteração de consciência e uso de elementos ficcionais. As outras características citadas pelo autor como uso criativo da linguagem e

descrição extrema de situações, originam-se do Jornalismo Literário, precursor do gonzo (OLIVEIRA, 2006, p. 07).

O primeiro passo para que o discurso jornalístico seja absorvido na linguagem dos quadrinhos é que o relato deve ser um prisma da realidade, ou seja, não se aventurar pelos domínios da ficção, garantindo assim a credibilidade por manter-se, o máximo possível, na esfera do real. Porém, já que Sacco parte rumo à falta de objetividade e imparcialidade, ele invoca os preceitos do Jornalismo Interpretativo para preocupar-se com a forma de produção de suas reportagens.

Uma possibilidade é que o jornalismo em quadrinhos tenta retomar o Jornalismo Interpretativo. Para a definição desse conceito, pode-se entender o gênero como “o jornalismo em profundidade, jornalismo explicativo ou jornalismo motivacional”. (ERBOLATO, 1984, p. 31). Para Luiz Beltrão, “é um jornalismo em profundidade, à base da investigação, que começa a representar a nova posição da imemorial atividade social da informação de atualidade. Um jornalismo que oferece todos os elementos da realidade, a fim de que a massa, ela, própria a interprete”. (BELTRÃO, 1980, p. 42).

Em outra perspectiva, Marques de Melo (2010) divide o jornalismo em cinco gêneros: Informativo, Opinativo, Interpretativo, Diversional e Utilitário. O segundo item descrito pode então enquadrar na prática jornalística de Sacco, pois, segundo Melo, o gênero opinativo depende apenas de duas variáveis controladas que são “autoria (quem emite a opinião) e angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião)”. (MELO, 2003, p. 65).

Por fim, o relato mais rico em detalhes do que nos demais meios de comunicação, com a explosão de muitos desenhos e falas de personagens; uma linguagem mais coloquial e uma versão diferenciada sobre a guerra são algumas das características que perpassam toda a obra de Sacco. Porém, além disso, é possível perceber um forte apelo político explícito na obra. Com o advento da globalização, a tirania da informação e a emergência do dinheiro, fazem com que a informação ganhe um aspecto ideológico indo em direção aos interesses político-econômicos de determinado grupo dominante. Nessa ideia, Santos (2008) aponta que no modo como a informação é veiculada, pode haver certa confusão.

O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível (SANTOS, 2008, p. 39).

Sacco, ao contrário, apresenta uma ferramenta seguindo em rumo contrário à essa lógica vigente. É ele o responsável por criticar a espetacularização midiática e apontar o lado grotesco e fútil de um confronto bélico de natureza étnico-religiosa. O discurso jornalístico aqui está ligado às causas de uma coletividade miserável e esfacelada nesses campos de batalha.

REFERÊNCIAS

ARBEX, José. Prefácio. In: **Palestina: uma nação ocupada**. São Paulo: Conrad, 2000.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, ARI, 1980.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

_____. **Formas e sentido: cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado de Letras, 2003

DURÃO, Fábio Ackcelrud. **Modernismo e coerência: quatro capítulos de uma estética negativa**. [trad. Fabio Akcelrud Durão]. São Paulo: Nankin, 2012.

_____. Da superprodução semiótica: caracterização e implicações estéticas. In: DURÃO, F.A; ZUIN, A. & VAZ, A. F. (orgs.) **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2011.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo, Perspectiva, 1998.

EISNER, Will. **Quadrinhos e a Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 2001.

HANSEN, João Adolfo. Lugar-comum. In: MUHANA, Adma (Org.). **Retórica**. São Paulo: Annablume; IEB, 2012.

HITCHENS, Christopher. Prefácio. In: SACCO, Joe. **Área de Segurança Gorazde: A Guerra na Bósnia Oriental 1992-1995**. São Paulo: Conrad, 2010.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2004.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo, Cultrix, 1996.

_____ e FIORE, Quentim. **O meio são as massa-gens**. Rio de Janeiro: Record, 1969

MELO, J.M.; ASSIS, Francisco de (orgs.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010.

MELO, J. M. de. **Os caminhos cruzados da comunicação: política, economia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **Teoria da comunicação: paradigmas Latino-americanos**. São Paulo: Vozes, 1998.

_____. **Para uma leitura crítica da comunicação**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

McLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M.Books, 2014.

NEGRI, Ana Camilla. Um novo gênero jornalístico: a reportagem em quadrinhos de Joe Sacco. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24, 2003, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva. **Joe Sacco: Jornalismo Literário em quadrinhos**. Campinas: PUC, 2006.

PÉCORA, Alcir. O campo das práticas da leitura, segundo Chartier. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

VIVEIROS, Lucas Lins. Quadrinhos e jornalismo: a importância do híbrido de Joe Sacco para a comunicação social. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 11, 2009, Teresina. **Anais**. Teresina: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009

SACCO, Joe. **Área de Segurança Gorazde: A Guerra na Bósnia Oriental 1992-1995**. São Paulo: Conrad, 2010.

_____ **Palestina: uma nação ocupada**. São Paulo: Conrad, 2000.

_____ **Palestina: Faixa de Gaza**. São Paulo: Conrad, 2001.

_____ **Uma história de Sarajevo**. São Paulo: Conrad, 2012.

_____ **Notas sobre Gaza**. São Paulo: Conrad, 2010

SAID, Edward. Prefácio. In: SACCO, Joe. **Palestina: Faixa de Gaza**. São Paulo: Conrad, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2008.